

A CAPITAL

Director: RODOLFO IRIARTE

PORTO PAGO
RUA DA CIDADE, 26 • 1124 LISBOA CODEX • TELS. 36 85 93 - 32 88 74 • END. TELEG. ACAPITAL • TELEX 12386 • PREÇO 45\$00 (Continente); 55\$00 (Madeira)

MALHUS - SPECTRUM CENTER

ELECTRÓNICA DE CONSUMO
**AMSTRAD ★ ATARI
COMMODORE
SINCLAIR ★ TIMEX**

RUA LUÍS DE CAMÕES, 35-B LISBOA
TELEFS. 63 78 64 - 64 55 28

DIZ QUEM SABE

VIAGEM DE SOARES À URSS É MUITO IMPORTANTE

Crónica do nosso enviado especial e destacável de 12 páginas

Cardoso Pires só escreve na Caparica



Cardoso Pires, que vê cheia de pechisques, José Cardoso Pires refugiou-se na Caparica para escrever o seu novo romance, «Alexandra Alpha», em que ajusta contas com a cidade

Autobiografia em «Alexandra Alpha»

ROMANCE AJUSTA CONTAS COM LISBOA

Entrevista nas páginas 11 a 13

**IMBA GIGANTES
BRAGANÇA A FARO**

**GRANDES»
FORA
DA
CARROÇA**

PÁGINA 44 E 45

**Os melhores colunistas
estão n'«A Capital»**

«É FARTAR VILANAGEM!»

artigo de Francisco de Sousa Tavares

**«VIVA
SEMEDO!»**

por
João
Botelho

**«MEMÓRIAS
DE PORTUGAL VELHO»**

por João Palma-Ferreira

BITAITES E BICUAITES
por António Tavares Teles

CONSULTÓRIO DE PORTUGUÊS por Edite Estrela

«JACKPOT» NO TOTOLOTO — PÁGINA 48

**NO CAMINHO
CERTO!...**

COM A NOSSA
ASSISTÊNCIA



Continental
A VIAGEM É CONSIGO
A SEGURANÇA É CONNOSCO

LISOPNEUS
SOCIEDADE COMERCIAL DE PNEUS, LDA.
R. ESTADO DA ÍNDIA, Nº 8 - B - C Telex. 64 909 LIPNEU
Telex 251 9757 - 251 38 12 - 251 52 96 - 2685 SACAIVEM

CARDOSO PIRES SÓ ESCREVE NA SOLIDÃO DA CAPARICA

CIDADE POVOADA DE PECHISBEQUES

HOMEM desafrontado, de opiniões seguras, uma ironia permanente e preocupações sociais constantes, José Cardoso Pires acaba de lançar no mercado nacional mais uma obra de grande realismo crítico, característica que, de resto, domina todos os seus livros. Neste complexo romance, intitulado «Alexandra Alpha», Cardoso Pires retrata Lisboa, com a qual diz manter uma relação de amor e ódio», e pretende, num estilo muito próximo do cinema, dar imagens vivas de «personagens a dois rostos», personagens que se desdobram ao longo da narrativa e do seu tempo: antes e depois do 25 de Abril. Para o autor, o livro «é a procura da destruição de certos mitos, o mais importante dos quais o mito da identidade».

«Lisboa, tal como o País, é uma cidade povoada de mitos, de estátuas de pechisbeques, de bibelôs» — ironiza — «e um português o que pretende, neste tempo, é identificar-se com a sua cidade, o seu País, pois a identificação do ponto de vista social e político é uma poderosa força de segurança».

Agora que o livro já está nas mãos dos leitores, Cardoso Pires permite-se discuti-lo, analisar connosco o seu fundo. Explicita melhor a sua ideia:

«O indivíduo sente-se tanto mais seguro quanto mais identificado está com a família ou com a pátria ou com a cidade onde vive. Se ele não está em conflito tem muito mais capacidade de realização.»

«É por isso que já lhe custa viver em Lisboa, segundo nos confidenciou, apesar do amor que sente por esta cidade «tão mal tratada por todos os governos». Há uma relação de conflito permanente que não consegue superar. Assim, quando quer escrever, refugia-se na Caparica, onde possui um «flat», um cubículo virado para o mar. É aí, no silêncio e isolamento de uma aldeia litoral — «no litoral e no mar é que acontecem todos os grandes feitos dos portugueses» — que ele se sente inspirado e apto a passar ao papel, quer em ficção quer em ensaio, tudo o que a sua mente constrói dia a dia.

«Sou muito anarca a escrever — revela. Escrevo em longos períodos, por vezes sou capaz de estar oito a dez horas sentado a escrever e frequentemente só escrevo sozinho. A horas incertas. Levantamo-me, deito-me, de dia, à noite, é o que calha, altero toda a vida. Entendo que é necessário uma certa anarquia na escrita, porque dá mais liberdade aos personagens. É claro que a anarquia sai cara, porque leva muito tempo, o desgaste é maior.»

Cardoso Pires levou três anos a escrever «Alexandra Alpha». Será este um tempo normal seu?

«Quase sempre anda por volta dos três anos o tempo que levo a escrever um romance. E quase todos os livros que eu faço têm mais que uma versão. A segunda versão é que me decido. Às vezes, não tem nada a ver uma com a outra. Mudam os personagens. Há personagens nos livros que não gostam do autor

a certa altura e a gente não consegue fazer nada delas. E se se aperta, se se torce, se insistimos, elas saem estereotipadas. Saem demasiado impositivas. Para mim a ficção mais importante num escritor é dar liberdade aos personagens, porque todos os carismas, todas as suas interioridades, todos os seus impulsos se tornam mais autênticos, mais verdade e têm mais independência.»

Cardoso Pires escreve sempre à mão, depois vai fazendo emendas. O texto confunde-o quando está muito rasurado. A seguir é que o manda passar à máquina. Aliás, ele elabora muito a sua escrita, pretendendo, no entanto, que saia fluida.

Nos dias em que se entrega a escrever, ele que bebe bastante uísque e vinho tinto, não ingere um único trago de álcool, sem qualquer esforço. Contudo, continua a fumar cigarro atrás de cigarro.

Culinária

Hoje, Cardoso Pires passa a maior parte do tempo na Caparica e quando está em Lisboa evita sair muito. Convive pouco. «Na Caparica estou a 18 quilómetros da minha casa, às vezes venho a bares a Lisboa — a minha mulher nem sabe — e volto para lá.»

«A Caparica para mim é um sítio de isolamento e eu sou muito solitário, parecendo que não», afirma o escritor, prosseguindo nas suas revelações de intimidades:

«Sou eu que, muitas vezes, faço as refeições. Aliás, eu gosto muito de cozinhar. Um dos escritores que eu leio religiosamente é o Zé Quitério. Normalmente, um cozinheiro, quando escreve, escreve bem. Acho que há um eco de prazer. Está ligado a certos gostos, quase anímicos, que mais facilmente se traduzem num vocabulário muito mais rico, mais suculento quando escre-



Terminada mais uma obra, José Cardoso Pires voltou ao remanso da sua casa de Lisboa e ao convívio familiar com a neta Joana a seu lado, aceitou a falar a «A Capital» do seu novo romance «Alexandra Alpha»

«A MINHA RELAÇÃO COM LISBOA É DE AMOR E ÓDIO»

ve. O Aquilino Ribeiro quando começa a falar de comida, na sua escrita, aquilo é tudo capitoso, a gente só lhe falta cheirar, porque ele gostava de cozinhar também.»

Cardoso Pires gosta essencialmente de cozinhar para os amigos. O seu prato forte são aves, todos nomeadamente, mas aquilo que mais gosta é de um bom peixe, ainda a cheirar e a saber a mar. Só cozido, sublinha.

«Enquanto trabalha houve música? — indagámos.

«Não, não, é o silêncio absoluto. Mesmo quando era estudante, nunca consegui estudar num café. Sou o único estudante da minha geração que conheço que não conseguiu estudar no café. Há escritores que escrevem no café. O Sartre, o Augusto Abalaira, não podem passar sem ter aquele ruído de fundo. Eu não.»

A música para ele é um estímulo, mas tem que ser ao vivo.

«Não é ouvir um disco, é um concerto ao vivo — afirma. — Ouvir um brasileiro que venha aí, o Caetano Veloso, ou mesmo um bom músico «rock», um Bruce Springsteen, também me excita. Igualmente me motiva um concerto de Mozart, mas só se estiver lá.»

Pintura

Todavia, é a pintura que mais sensibiliza Cardoso Pires, segundo nos confiou com entusiasmo:

«Não há nada que me desperte mais a imaginação do que a pintura. Aquilo que mais me aquece, sobretudo se estou cansado, é ir a uma exposição de pintura. A pintura para mim é uma provocação à imaginação. Vibro muitíssimo mais a ver uma exposição de pintura do que a ler livros ou ver uma peça de teatro ou de cinema. A pintura para mim é fundamental.»

EDITE ESTEVES
(TEXTO)

ANTÓNIO FAZENDEIRO
(FOTOS)

Na sua casa, em Lisboa, ele está rodeado de obras de arte de valor apreciável, todas, faz notar, oferecidas «que eu não tenho dinheiro para estas coisas». Tem uma Vieira da Silva, um João Abel Manta, o Vespeira, o Júlio Pomar (um retrato a óleo seu e uma cerâmica, entre vários quadros, pois são íntimos amigos). Podem ler-se as assinaturas de Rogério Ribeiro, Costa Pinheiro, Pontimari, João Rodrigues e Manuel Amado. Depois, há um retrato de mulher da autoria de Alice Jorge, um torso em mármore de Bruno Jorge, de quem é compadre, e uma sugestiva pintura de Eduardo Nery, que representa um esqueleto de um dinossauro dentro de uma sala, oferecido por um amigo, José Maria Caetano, a propósito do seu livro-fábula «Dinossauro Excelentíssimo».

É claro que na Caparica, onde escreve, o ambiente é semelhante, até porque é de fundamental importância para o despoletar da sua imagética.

«Mas como é que lhe surge a ideia de um romance?»

«Isso gostava eu de saber também — responde, encalhando os ombros. — Não faço ideia, surge. Este romance, eu tinha já pensado nele várias vezes e inclusivamente tinha dito, ao meu editor francês, que ia fazer uma coisa sobre Lisboa. E quando ele recebeu a «Balada» ficou sem perceber se aquele era o livro sobre Lisboa, porque eu pus o livro de parte e só peguei nele depois de escrever o outro.»

Destruição

«Voltamos, assim, a «Alexandra Alpha», ponto de partida da nossa conversa. Lisboa está aí bem retratada.

«Sim, é uma Lisboa de amor-ódio. A minha relação com Lisboa é suspeita, sou como aqueles maridos enganados que passam a vida a dizer mal da mulher mas, no fundo, nunca mais se esquecem dela. E, realmente, Lisboa, para mim, hoje, é uma cidade de amor-ódio e que eu admiro espantosamente, porque deve ser a matéria mais maltratada por todos os governos, todos, a não ser um pouco no fim da Monarquia e um pouco durante a I República. Com as ditaduras que vieram por aí fora e com os novos ditadores de que o Abecasis é o exemplo mais primário, Lisboa tem sido destruída de toda a maneira e feito.»

«Alexandra Alpha» é uma elegia à sua Lisboa odiada e amada?

«Não é, embora acabe por ser um pouco. Embora Lisboa conte muito, porque a acção em 99 por cento passa-se em Lisboa, uma Lisboa entre o final da ditadura e os primeiros anos depois do 25 de Abril — é o primeiro livro em que eu falo do 25 de Abril — tem a ver fundamentalmente com aquilo que eu posso chamar um romance com personagens a dois rostos. O que eu pretendi dar foi personagens que se desdobram. Sendo personagens independentes, a pessoa de repente descobre que uma é o rosto da outra. Elas nem sabem, podem nem saber. Depois, é uma procura da destruição de certos mitos. O mais importante é o mito da identidade, isto é, as mentiras que se dizem. Todos os países, mas todos, têm uma história para consumo interno, que é falsa, que é feita de mitos e de mentiras. Nós possuí-

mos mitos e mentiras de toda a maneira e feito. A nossa história tem a Padeira de Aljubarrota, tem reis que foram geniais e que não passaram de uns pequenos bandidos; tem reis que foram geniais, de facto, e que são tratados como figuras acessórias; tem figuras fundamentais que a história cala, que são muito perigosas de interpretar.»

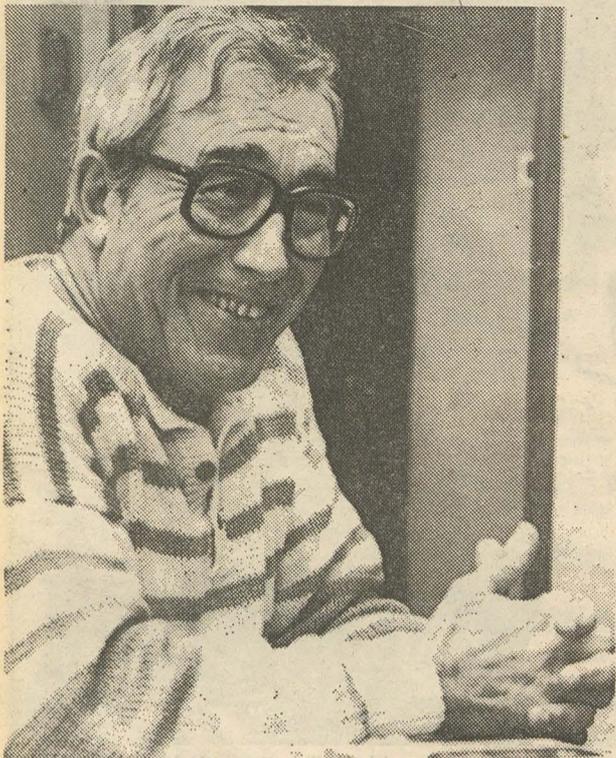
Estátuas

E prossegue na sua ironia corrosiva:

«Isto é uma cidade povoada de estátuas, mas estátuas em pechisbeque. É um parque de estátuas de muito má qualidade. Uma cidade povoada de estatuetas de brigue-à-braque, de bibelôs. O que um cidadão português pretende neste tempo é identificar-se com o seu País, porque a identificação do ponto de vista social e político é uma poderosa força de segurança. O indivíduo sente-se tanto mais seguro quanto mais identificado está com a família ou com a pátria ou com a cidade onde vive. Se ele não está em conflito com a cidade onde vive, tem muito mais capacidade de realização.»

Para Cardoso Pires é difícil já viver em Lisboa. Gosta de cidades como Londres, como Nova Iorque ou como Barcelona. «São cidades grandes de mais para ter conflitos, enquanto uma cidade pequena provoca-me um laço de contrariedade permanente, um desejo de correcção» — observa. — «Ora, eu não posso tomar conta de uma cidade de 14 mil habitantes. Não posso indignar-me com ela, até porque ainda por cima as cidades grandes têm todos os defeitos das cidades e têm todas as qualidades das cidades. As cidades pindéricas, pequenas ou atraídas, têm todos os defeitos da cidade e não têm» (Continua na pág. seguinte)

CARDOSO PIRES CRITICA CONSERVADORISMO DO CAMPONÊS



«Alexandra não existiu. Como diria o Flaubert, a Alexandra sou eu»

nenhuma qualidade da cidade, têm todos os defeitos das aldeias e não têm nenhuma qualidade das aldeias. Portanto, isso é profundamente angustiante.»

Mar

— Cardoso Pires está neste momento muito angustiado com Lisboa? Preferia estar em Londres, onde já viveu muito tempo e onde já trabalhou?

«Não. Vivo hoje em Lisboa, estou cá. Mas para trabalhar tenho de sair daqui. Tenho um cubículo ali na Caparica, num daqueles edifícios virados para o mar. O mar, gosto do mar, sim. Gosto muito de mar e gosto muito pouco de campo. Sobretudo, não gosto da mentalidade camponesa. Penso que a nossa história deve muito mais ao mar, ao litoral e aos cidadãos do que aos camponeses. Tudo o que se tem passado de grande em Portugal tem sido sempre nos centros burgueses e nos centros do litoral... Temos o melhor peixe do mundo! Se tirarmos o vinho, que é um bom vinho, o resto, a nossa agricultura não é boa, temos um solo pobre.

«O nosso camponês é profundamente de pedra e cal, teimoso, conservador e impie-

do e talhado para não estar presente na intervenção pública. Como eu digo no livro, Portugal tem como símbolo uma figura do Bordalo, o Zé-Povinho a fazer manguitos... É isso que eu vejo no nosso camponês.»

— De todo o camponês em geral?

«Evidentemente que não estou a falar do Alentejo, porque não tem nada a ver com isto. O Alentejo tem aquela configuração de independência, de isolamento, de orgulho. O alentejano é corajoso, reivindicativo, enquanto o camponês, em geral, está sempre à espera do poder para estar com ele.»

Dúvida

A nota escrita que precede a introdução do livro dá a entender que Alexandra é uma figura real. Afirma-se, nomeadamente, que foram depositadas algumas notas pessoais gravadas em fita magnética no 10.º Cartório Notarial de Beja, a que o autor teve acesso.

«A Alexandra não existiu — garantiu-nos Cardoso Pires. — Como diria o Flaubert, a Alexandra sou eu. Essa nota teve como intenção justamente conduzir o leitor para a dúvida de ser ou não ser uma perso-

nagem biográfica. Porque, no livro, as afirmações ficam quase todas em suspenso. As pessoas duvidam permanentemente de si mesmas. As figuras que aparecem são duvidosas, a gente percebe uma figura por causa da outra.»

Há uma frase de Santo Agostinho de que Cardoso Pires gosta muito: «Por mais que o homem proteste, ele caminha sempre na sua imagem.» E a verdade é que, para ele, nós caminhamos sempre na imagem que fazemos de nós mesmos e é isso que nos mata muitas vezes, mas também é isso que nos sustenta, para podermos criar uma imagem de nós, para podermos resistir, ainda que saibamos que essa imagem é um limite utópico. E criamos imagens do País, criamos as tais imagens falsificadas.

— Porque tornou Alexandra a personagem principal do seu romance?

— Porque ela tem, para mim, uma quantidade de coisas muito significativas do português dessa classe deste tempo. Ela é uma mulher inteligente, superiormente culta, formada em Germânicas, que tem medo, no fundo, de ser uma mulher corajosa; tem um medo terrível de estar acom-

panhada, adopta um filho — é uma madrasta solteira — perde o filho, está a ver-se que vai perdê-lo, quer ter o filho como companhia, mas tem medo de estar muito presente nele; quando encontra um homem, que percebe, a quem pode ficar agarrada, foga; responsável por uma grande empresa de publicidade multinacional e no seu trabalho está a dar uma imagem falsa do seu país — um país com sol, em dia com o progresso e a civilização lá de fora — portanto, ela mente ao país.»

Salientou:

«Eu centrei esta personagem como um símbolo realmente do tal país imaginário, do tal país mentido, que nós somos. É claro que todos os países têm de si próprios uma ideia mentida. Agora, aqui, chegámos à mitificação de tal maneira que não há um único partido político que diga aos portugueses que está frustrado. Pelo contrário, têm um medo brutal disso e, realmente, é verdade, porque a política só se pode fazer com optimismo. Agora, o que compete a cada um de nós é ter os pés na terra e reagir a esse movimento pouco retórico de optimismo e, evidentemente, isso não vai fixá-lo na frustração.»

«Mário Dionísio deu-me a mão»

«OS DIÁLOGOS APRENDI COM HEMINGWAY»

CONSIDERADO um dos melhores prosadores actuais, Cardoso Pires tem cultivado, ao longo dos últimos 38 anos, além do romance e da novela, a sátira política, a crónica, o ensaio, o teatro e o memorialismo. Sucesso atrás de sucesso, não lhe faz, todavia, esquecer os seus mestres e quem lhe deu a mão no momento em que despontava para a vida literária. «Mário Dionísio foi a primeira pessoa a quem entreguei um livro para ler e logo me apoiou totalmente — revelou. — Os diálogos e muitos outros detalhes da ficção aprendi-os com Hemingway.»

José Cardoso Pires nasceu a 2 de Outubro de 1925 numa aldeia da Beira Baixa, mas com três meses veio para Lisboa com a família. Em Santo Amaro de Oeiras, onde vivia, teve desde muito novo uma professora de Inglês que o ensinou a dominar a língua. No entanto, acabaria por frequentar o curso de Matemáticas Superiores, na Faculdade de Ciências de Lisboa.

«Deixei a casa dos meus pais muito cedo, com 17 anos, a comecei a interessar-me por outras coisas, por isso não cheguei a terminar o curso — contou. — Tive vários empregos, coisas pequenas e mal pagas e alistei-me na marinha mercante como praticante de piloto, sem curso.»

Depois de regressar da viagem no mar foi correspondente comercial de inglês e começou a fazer traduções, coisas policiais, traduzidas a correr, só para ganhar dinheiro.

«Quando pensei que gostaria de escrever, é justamente nessa altura — lembra. — Comecei a ler livros ingleses e americanos. Depois liguei-me àquele grupo, ao Cesariny, de quem era muito amigo; ao O'Neill, e publiquei, em 1949, o meu primeiro livro: «Os Caminhoeiros e Outros Contos».

Foi director literário de duas editoras e «copy-writer» de publicidade. É nessa altura que inicia traduções, já então assinadas, de Faulkner, Arthur Miller, Horace McCoy e Tennessee Williams, entre outros.

— Esses autores que traduziu tiveram alguma influência sobre a sua escrita?

— Não, não eram autores que eu gostava. Quando eu apareci, o escritor que me influenciou, sobretudo nos primeiros livros, e de que eu mais gostei, foi Hemingway. Foi um homem com quem aprendi muita coisa. O diálogo, muito especialmente. O discurso directo era na literatura portuguesa uma coisa sempre muitíssimo esquecida. Ia-se para a terceira pessoa ou para a primeira, mas sempre no discurso indirecto. Encontra-se o discurso directo no Camilo, no Eça e pouco mais. Depois dos anos 30 havia ainda a obsessão do discurso indirecto. Hemingway foi, sem dúvida, a minha influência mais forte.»

Quotização

Todavia, recorda com certa ternura e emoção:

«Quando jovem devo muito a um homem de quem nunca me esqueço, o Mário Dionísio. Foi a primeira pessoa a quem entreguei um livro para ler. Nun-

ca ninguém lê nada meu antes de ser publicado, não gosto; aliás, gosto de falar pouco dos livros enquanto eles não estão aí para as pessoas lerem. Entreguei-lhe o manuscrito de «Caminheiros e Outros Contos» e ele apoiou-me imenso.»

E salienta, sem que o interrompamos:

«Considero-o um dos homens mais competentes da literatura portuguesa, e é um bom ensaísta, é um contista que, quanto a mim, não tem sido devidamente avaliado e, sobretudo, foi um escritor que foi muito importante numa determinada época da nossa literatura, pelas inovações que trouxe. Eu era um jovenzinho e ele leu aquilo, interessou-se, procurou editor. Tive sorte, porque homens mais velhos do que eu, com os quais eu até nem tinha identificação alguma, ajudaram-me. Como não tivesse arranjado editor, que era muito difícil naquela altura, fizeram uma quotização entre si para publicarem o livro.»

— Que homens?

— O Redol, o Armindo Rodrigues e o grupo dos meus amigos, claro, o O'Neill, sobretudo.

Cardoso Pires privava com um grupo, em que passaram quase todos ao surrealismo. Ele, porém, ficou, não no neo-realismo mas no realismo, no «realismo crítico», conforme se autocalifica. «Fazíamos uma vida de amigos, mas muito separada do ponto de vista cultural», observa. «Desse grupo, O'Neill é o único que vai trabalhar, a seguir, comigo, quando fiz o «Almanaque».

Faziam parte da redacção desta revista Augusto Abelaira, Luís Stau Monteiro, Vasco Pulido Valente, Alexandre O'Neill, Baptista-Bastos e José Cutileiro.

«Aquele geração — referiu — não tinha quase prosadores, era mais uma geração de poetas e pintores. Pomar, que é um grande amigo meu, é um pintor. Aliás, quero dizer que o Pomar é das pessoas que eu conheço que melhor escreve. Genial a escrever. É espantoso.»



Junto a um quadro de Vieira da Silva e a uma cerâmica de Pomar, Cardoso Pires afirma empolgado: «A pintura para mim é uma provocação à imaginação»

Alemães

— Atualmente há alguém que o impressione mais a nível literário, quer no âmbito nacional quer no internacional?

— Considero que a literatura americana mais recente, falo de ficção, é muito irregular e vive muito da pobreza da literatura da Europa. Pondo a coisa mais simples: o romance europeu está numa crise muito baixa e o romance sul-americano e o norte-americano vieram, de certo modo, a beneficiar dessa crise. O romance norte-americano contemporâneo tem, indiscutivelmente, três ou quatro autores que eu acho grandes autores, tal como o sul-americano. Mas o romance na Europa que me interessa hoje mais — e desgrazadamente não posso ler no original, porque não sei a língua — é o romance alemão. É o mais vivo, o mais forte. O mesmo se pode dizer do cinema.»

Explica a razão:

«Primeiro, é de uma originalidade enorme. Segundo, o tal problema de identificação. Quer no romance alemão quer no filme alemão, seja ele qual for, não se sabe porquê, há sempre uma referência ao nazismo. Desde Fassbinder a Wim Wenders. Este nem sequer sabe o que foi a guerra, mas fala nisso nos seus filmes. Quer dizer, tiveram a coragem de assumir o nazismo.

«Não será uma autocritica — segundo acentua — mas uma referência de-

les próprios, numa tentativa de a superarem. De dizerem: «A gente já fez isto, mas não vamos fazê-lo outra vez».

«Por outro lado — adianta — há um factor político que é muito importante: que a Alemanha, ou melhor, as Alemanhas, estão no eixo da desgraça. Se rebentarem uma guerra, os primeiros a serem vítimas são eles, desta vez, quer de um lado quer do outro. Isso também tem muita força. Isso justifica bastante aquela preocupação que têm de não haver outra guerra, de não haver outro fascismo.»

Apartidário

Conotado, às vezes, com o Partido Comunista, Cardoso Pires nega, contudo, qualquer ligação partidária. Considerando-se um homem de esquerda, independente, faz notar que foi um dos apoiantes públicos de Pintasilgo e defendeu Otelo. «Não quer dizer que a defender Otelo esteja a 100 por cento com ele, mas defendendo-o. É um processo que precisaria de uma revisão, em meu entender.»

Sendo um escritor que preza muito a sátira política, é natural querermos saber o que pensa Cardoso Pires da situação política actual em Portugal. A resposta de Cardoso Pires veio pronta: «Para usar uma certa ironia, penso que a política portuguesa hoje está num certo optimismo pragmático. Acho

que o optimismo é excessivo, pragmático de mais. Há uma ansia de absorver o poder, de torná-lo como que quase uma propriedade intransmissível, da parte dos partidos — embora falem na alternância — que me assusta um bocado. Mas há uma coisa que me parece importante: enquanto houver diálogo entre o poder e o País considero uma situação feliz, uma situação correcta. Seja de que partido for.»

Igreja

Abordando um aspecto que é o centro das suas preocupações actuais, segundo nos referiu, Cardoso Pires concluiu, como numa alerta:

«Há outra coisa que é grave, é que a nossa Igreja Católica está com uma tendência totalitária terrível, quer ocupar tudo. Ocupa o comércio, as comunicações sociais, é proprietária do ensino, da imprensa regional, está tecnocrática com uma ambição muito grande. Não admite desmentir que foi totalitária durante 50 anos neste País, mas ela não pode apagar o passado.»

E sublinha, em tom quase profético: «Eu nunca mais me esqueço da Inquisição. A Igreja mete medo a toda a gente. A Igreja mete medo aos políticos. A Igreja é uma força. Aqui, em Portugal, ela está a ser muitíssimo mais pressionante do que em Espanha, de longe. Neste momento estou muito sensível à Igreja.»

«A NOSSA HISTÓRIA DEVE MUITO MAIS AO MAR»

cinematográfica de agora. Há no romance uma certa descontinuidade, uma pseudo-anarquia de movimentos, toda ela, no entanto, entreligada.

«Talvez assim seja — afirma o autor. — A mim, pessoalmente, não me preocupou. O que há é isto: o cinema toca hoje tudo. Hoje, o jornalista escreve com uma sintaxe totalmente diferente, corta, passa rapidamente de uma coisa para a outra e as pessoas não ficam chocadas, porque já têm em casa a televisão e vêem cinema. Apanharam o ritmo, a capacidade de estabelecer lógicas internas, que não tinham.»

— Este seu livro é um exemplar dessa influência?

— Fui, de facto, arrastado para isso e penso que a maior parte dos escritores actuais de todo o mundo. As artes plásticas, a mesma coisa. O cinema teve uma influência brutal nas artes plásticas, na arquitectura. O cinema foi — hoje não é tanto o cinema, mas sim a televisão — uma poderosa máquina de influenciar. Tenho é dificuldade em encontrar um texto de ficção — ensaística é outra coisa — que não reflecta bastante, uns mais outros menos, o peso de uma comunica-



«O romance alemão é o que me interessa mais neste momento, pela sua originalidade e por todos os escritores terem a coragem, de procurar a sua identificação, assumindo o nazismo»

ção imagética extremamente alicianante e movimentada que desmantela os vícios e os convencionalismos da leitura de

um indivíduo.»

Mas será que Cardoso Pires está preocupado com a possibilidade de os leitores do seu

novo romance não conseguirem unir as peças?

— Quando escrevo não penso muito no leitor — sustenta.

— Quem corre atrás do leitor acaba por levar pedradas... O melhor é não pensar nele. Depois sujeita-se.»

«ALEXANDRA ALPHA»



Durante a cerimónia do seu novo romance, «Alexandre Alpha», Cardoso Pires é abraçado por um grande amigo seu, Lobo Antunes

JOSÉ CARDOSO PIRES foi distinguido com os dois maiores prémios da literatura portuguesa contemporânea — Camilo Castelo Branco e Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. Internacionalmente, figura entre os melhores romancistas estrangeiros publicados em França, na selecção de «Le Monde», «L'Observateur» e «La Quinzaine Littéraire». Igual distinção lhe foi atribuída por «Il Tempo», de Milão, e mais recentemente por «The Sunday Times» quando do aparecimento da edição inglesa de «Balada da Praia dos Cães».

Além do Brasil (Editora Civilização), a obra de Cardoso Pires está publicada nos Estados Unidos (Beaufort Books, Nova Iorque), Cuba (Literatura y Arte), Espanha (Seix Barral e Magrana, versão catalã), França (Gallimard), Inglaterra (Boyard Books), Itália (Leric, Editori Reunit e Feltrinelli), RFA (Varlag Kurt Desch e Hanser Verlag), RDA (Rutten & Loening), Finlândia (Gummerus), Dinamarca (Gyldendal), URSS (Ed. Progress), Polónia (Czytelnik), Hungria (Kossuth), Checoslováquia (Odeon) e Roménia (Literatura Universal).

Cinco anos depois de «Balada da Praia dos Cães» — 130 000 exemplares em língua portuguesa — Cardoso Pires reaparece com um novo romance: o itinerário de uma mulher (e de um país), antes e depois do 25 de Abril, que decorre entre o despenhar de um anjo suicida numa praia de banhistas e a ascensão para a morte de uma avioneta transportando duas amigas de mãos dadas. Assinalada por estes dois movimentos invertidos de destruição, fica Lisboa, cidade-pérola, povoada de mitos e de estátuas. Algures, a uma janela do Hotel Sheraton, há um faquir enrolado na tatuagem de um dragão e mais para lá uma ex-freira embala uma gravidez fantasma. Pelos bares do Chiado passeia-se o bêbedo Opus Night que vive a duas memórias... Que cidade, que Portugal é este? Um país que se inventou?

«Que remédio. Se não inventarmos o país não cabemos nele», diz a heroína do romance.

Numa operação conjunta até agora inédita estre duas editoras, as Publicações Dom Quixote lançaram a semana passada uma primeira edição de 30 mil exemplares e o Círculo de Leitores porá à venda, em Janeiro, 7500. Os editores consideram este a «Opus Magna» de Cardoso Pires e um dos livros mais importantes da literatura portuguesa contemporânea.

REVESTIMENTOS

A Parqueadora, Lda.

Dispondo de materiais e serviços de Revestimentos de Parede e Pavimentos, cortiças, envernizamentos, etc.

INFORMA

Os seus clientes e o público em geral de que inaugurou recentemente um NOVO ESPAÇO DEDICADO A TAPEÇARIAS — ARRAIÓLOS E OUTRAS, no 1.º andar do seu Salão de Exposições.